

## Correspondência entre filosofia e literatura

Francisco Valdério<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

francisco.valderio@ufma.br

**Resumo:** O artigo se propõe a uma discussão acerca da relação entre filosofia e literatura em três momentos: na constituição do problema de um elo que remonta ao debate em torno do binômio mito-logos, indo prospectivamente de Platão ao mundo de Homero; na retomada contemporânea do problema que situa a caracterização da própria filosofia como uma modalidade literária ao fazer uso deliberado dos recursos linguísticos típicos dessa região poética do pensamento; no irrenunciável aporte da literatura em socorro da filosofia, a fim de que esta possa responder adequadamente a determinados problemas deixados em aberto pela tradição filosófica – nesse caso, o recurso do qual nos valem é a hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur. Em todas essas incursões, procura-se deixar marcada a indissociável presença dos elementos que compõem uma e outra destas dimensões da experiência de compreensão histórica da existência humana, filosofia e literatura, no esforço de sublinhar a pertinente correspondência entre ambas.

**Palavras-chave:** Filosofia. Literatura. Relação.

## Correspondence between philosophy and literature

**Abstract:** The article proposes a discussion about the relationship between philosophy and literature in three moments: in the constitution of the problem of a link that goes back to the debate around the myth-logos binomial, going prospectively from Plato to the world of Homer; in the contemporary resumption of the problem that situates the characterization of philosophy itself as a literary modality by making deliberate use of the linguistic resources typical of this poetic realm of thought; in the indispensable contribution of literature to the rescue of philosophy, so that it can adequately respond to certain problems left open by the philosophical tradition – in this case, the resource we use is the philosophical hermeneutics of Paul Ricoeur. In all these incursions, we seek to mark the inseparable presence of the elements that make up one and the other of these dimensions of the experience of historical understanding of human existence, philosophy and literature, in an effort to underline the pertinent relationship between them.

**Keywords:** Philosophy. Literature. Relation.

## Introdução

A compreensão da saga humana na história tem sido, para aqueles que se propõem a esse desafio, um enorme empreendimento. Dentre tantas, duas grandes abordagens se destacam pela força

<sup>1</sup> Professor Adjunto IV do DEFIL/UEMA e professor permanente do PPGFIL/UFMA, mestrado acadêmico. Doutor em filosofia PUC/SP, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9611868983567957> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1243-2068>

narrativa-discursiva e pela longevidade: a filosofia e a literatura. A interação entre esses dois ramos tem se mostrado fecunda nesse esforço de compreensão da consciência histórica. Permeadas por tensões, em razão de suas peculiares abordagens, essas duas dimensões criativas colaboram entre si com frequência, especialmente quando o que está em jogo é a existência humana. Muitas vezes, a dificuldade para rastrear essa colaboração reside em uma certa incapacidade de observar uma relação multifacetada, na qual filosofia e literatura estão centradas em contornos opacos e, por vezes, indiscerníveis.

O que se propõe a seguir é uma análise em três momentos, que visam destacar a articulação e a interdependência entre esses campos do saber. Primeiramente, um mergulho nas raízes históricas que vinculam mito e logos, explorando uma linha da filosofia platônica conducente ao universo poético de Homero. Em seguida, uma breve moldura de como a relação entre filosofia e literatura pode ser constituída, sobretudo quando tomamos como diretriz o uso deliberado de recursos literários por parte da filosofia, com o intuito de uma comunicação mais eficaz de suas ideias. Por fim, uma demonstração no campo da práxis, ao acionarmos a hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur. Aqui, a literatura se oferece como um poderoso auxílio indispensável à filosofia, permitindo que esta confronte questões sensíveis de dentro de sua própria tradição.

Desse modo, sublinhar a profunda correspondência entre filosofia e literatura, não obstante a tensão que as caracteriza enquanto campos distintos do saber humano, é o objetivo da presente reflexão. A filosofia e a literatura, na qualidade de dimensões complementares e indissociáveis da experiência de compreensão histórica da existência humana, convergem e se entrelaçam em um diálogo atemporal, oferecendo perspectivas enriquecedoras sobre a condição humana.

### **Ancestralidade da relação**

Dentre os muitos temas em destaque atualmente, sem dúvida, um dos que se tornou bastante frequente é o que se debruça sobre as relações entre filosofia e literatura. Diversos trabalhos acadêmicos buscam determinar as fronteiras de cada um desses campos. Se, hoje em dia, essa relação parece ser mais amistosa em virtude de todas essas tentativas de aproximação pela delimitação, apelo de uma sociedade progressivamente hiper especializada, importa saber que, ao longo da história, isso nem sempre foi assim; muito pelo contrário. A rivalidade (e admiração, pelo menos de uma delas) entre filosofia e literatura vai muito além da *littera*, à qual conferiu acepção artística a essa típica forma de expressão humana. Pode-se buscar a ancestralidade dessa vinculação no não menos tumultuado convívio entre filosofia e poesia – esse manancial da inesgotável imaginação humana que filia a literatura.

Repetidamente se atribui a Platão o autor dessa façanha em razão de sua tanto clássica quanto mal compreendida posição em relação ao “não lugar dos poetas” em sua *República*. Porém, é muito mais provável que ele tenha herdado uma controvérsia oriunda de tempos idos<sup>2</sup> para a qual ofereceu, como filósofo detentor de um pensamento do qual nada escapa, uma perspectiva que, antes de rifar a poesia e assim excluí-la da esfera da filosofia, manteve com ela a mais fecunda tensão. Se não é suficiente recorrer à forma como Platão apresenta sua filosofia, os *Diálogos*, ulteriormente definidos como respeitável gênero literário, então, para sustentar a posição evocada, deve-se observar, primeiramente, que a recusa da poesia, paradoxalmente, ocupa importante espaço de reflexão filosófica naquela que é estimada (e que o próprio filósofo considerou) sua principal obra: *A República*. Ora, e se se considera a exata altura da ocorrência dessa discussão (*República*, X, 605 b), diria que se trata de lugar privilegiado. E se passamos a observar tudo o que a nossa tradição já discutiu, produziu, formulou desde então até aqui e que ainda vai continuar a elaborar acerca dessa matéria, trata-se, sem dúvida, de lugar perene.

Uma outra observação nada ausente de importância, é que Platão se sabe profundo conhecedor da já vastíssima cultura da época e, nessa condição, versa com grande destreza, e como poucos, seus traços mais sutis e significativos no âmbito da sua obra. É o caso de se fazer notar o fato de como o filósofo utiliza a poesia fundamental, que são os *mythos*, para elucidar o movimento do pensamento sobre os problemas mais delicados que enfrenta. Talvez essa nobre concessão de Platão à poesia explique aquela bondade sobre-humana, de que fala Weil, com a qual essa nova anciã olha para esse seu caluniador como um dos seus filhos preferidos (2019, p. 47). O tratamento que Platão consagra à poesia, quando a convoca em auxílio da sua reflexão, é o mais digno que se pode observar, comparável em altura apenas a aquelas atingidas pelos grandes poetas da sua tradição.

O procedimento adotado por Platão para orientar o pensamento em sua investigação da realidade encarna tanto a filosofia quanto a poesia (*mythos*) – sem prescindir ou negligenciar nenhuma das duas modalidades. Segundo Reale, Platão recupera o mito e passa a compreendê-lo como uma expressão intuitiva, que se manifesta como fé, apreendendo imediatamente aquilo que o *logos* não alcança de forma mediada. Notadamente, trata-se de um mito que não se contrapõe ao *logos*, mas que vem em seu auxílio. Passagens no *Górgias* e no *Fedro* são bastante ilustrativas desse direcionamento. Sem essa interação, os grandes mitos apresentados no *Fedro*, na *República*, no *Político*, bem como toda a narrativa mítica que fundamenta o *Timeu*, tornam-se incompreensíveis (Reale, 2005, p. 173). Não é pouco que tamanha capacidade de articular regiões comumente assumidas como distintas tenha

---

<sup>2</sup> Posição compartilhada por Luciano Façanha (2024, p. 42), ainda que a sequência da sua análise difere bastante do direcionamento que aqui sugerimos.

conferido a esse pensador não apenas o título de um dos maiores filósofos da tradição ocidental, mas também o tenha consagrado como um dos mais formidáveis escritores da cultura universal.

Sendo, então, Platão essa síntese incontornável da relação entre filosofia e poesia, talvez seja produtivo nos concentrarmos em um período anterior, de onde possivelmente provém a problemática herdada por sua reflexão. O problema se situa na constatação de que a poesia, por ser muito mais antiga, nunca se preocupou com a filosofia. Pelo contrário, sua conduta, frequentemente, é ignorar completamente esta neófito. Já a filosofia, desde seu nascimento, jamais conseguiu fazer o mesmo. Sempre se viu obrigada a olhar para a poesia e a falar sobre ela, ainda que fosse para difamá-la. Dos primórdios da experiência humana e ao longo de vários séculos, foi a poesia que configurou a vida e, assim, orientou quase exclusivamente a conduta humana nas diversas comunidades em que se fez morada. Somente muito mais tarde a filosofia emerge na história e, mesmo nesse momento, ela se eleva em boa medida apoiada pela poesia. A forma de descrever a realidade utilizada por muitos dos primeiros filósofos, à frente Parmênides, não pode ser negligenciada. O espanto da filosofia em relação à poesia é perfeitamente justificável, já que a poesia não argumenta de forma racional ou lógica – como faz a literatura (cf. Weil, 2019, p. 47) – e, ainda assim, atinge imediatamente o nível da vida na eternidade do contentamento da presença. Algo que a filosofia tanto almeja, mas só consegue alcançar ao custo das longas e árduas mediações do discurso racional. Dito de outra maneira, não é possível falar diretamente do fundo histórico residual ao qual a filosofia se mantém vinculada. “Qualquer aproximação deve ser indireta, desviante, por vezes até tergiversativa, a fim de recuperar a mensagem que se faz ouvir como *metáfora* ou como *símbolo*” (Valdério, 2016, p. 63).

São célebres as teses em torno da querela acerca da continuidade ou ruptura entre mito e filosofia. Parte dessa contenda utiliza o argumento segundo o qual o mito já não era capaz de explicar a realidade diante das novas experiências que guiavam os passos humanos naquela quadra histórica. A outra parte contra-argumenta, observando a existência de toda uma estrutura de pensamento presente no mito, que será retomada pela filosofia. Muito além dessa mera esquematização de um debate que de simples não tem nada – embora recorra a ela, dado os limites da presente reflexão – podemos situar que a problemática da continuidade e ruptura entre esses dois campos, mito e filosofia, ocorre no contexto em que essas dimensões do espírito humano se forjaram de tal maneira que se tornaram diferentes lados da mesma moeda ou, se preferirmos, etapas de uma única caminhada.

Ora, pouca atenção é dada ao fato de a filosofia receber sua designação e significação somente posteriormente ao seu aparecimento, buscando nuançar aquilo que há muito se manifestava como discurso demonstrativo (*logos*). O mesmo não acontece com a poesia, que, desde tempos imemoriais, recebeu como tarefa divina narrar a realidade (*mythos*) e prosseguiu, a despeito das tentativas de invalidação de sua narrativa. Dito de outra forma: por um lado, assim como o *logos* pode ser rastreado

em sua significação filosófica na diversidade semântica presente na configuração poética da experiência humana; por outro lado, o *mythos* manteve-se amalgamado nas primeiras elaborações do discurso demonstrativo e sobrevive, indo muito além das interdições racionalistas que tentaram suprimi-lo. Como se vê, nem tanto ao céu, nem tanto ao mar!

Hoje, não são nada exageradas as advertências que apelam para a necessidade de mantermos vigilância acerca do ressoar das vozes emudecidas (Benjamin, 1987, p. 223) ou dos sussurros que nos chegam (Ricoeur, 1997, p. 229), em meio à agitação barulhenta da atualidade, vinda de uma época que nos disponibiliza apenas vestígios. Na verdade, uma suposta “pobreza” daquele período só pode ser caracterizada em relação aos registros deixados, pois nele se deposita uma superabundância cultural paradigmática, uma extraordinária riqueza elucidativa da história humana. Comparada à tumultuada tagarelice dos dias atuais, voltar-se a um ambiente de menor efervescência parece mais salutar para quem deseja apreender noções axiomáticas da experiência histórica – pelo menos é o que informa a advertência filosófica acima, que preconiza uma atitude reflexiva que enfatiza mais o ouvir do que o falar, e, como sabemos, essa função precípua é atribuída muito mais aos poetas, que falam apenas o que ouvem das filhas de Mnemosyne.

Em estrita aceitação desta orientação geral, é que nos valem da discussão sugerida por Marcelo Perine, que situa *mythos* e *logos* em relação parental. O filósofo brasileiro observa que a filosofia teve o privilégio histórico de ser a primeira tentativa de compreender o mito e, por isso, a consciência originária de seu parentesco. A filosofia, não sendo filha do mito, é, ao menos, sua irmã caçula e, desde então, mantém uma fascinante e fecunda relação de amizade e confronto com este. Numa época assumida, aos olhos do nosso tempo, como arcaica, o mundo grego estabeleceu certa equivalência entre os vocábulos *mito* e *logos*, pois ambos remetem à palavra: o primeiro sendo “narrativa sagrada” e o segundo “discurso sagrado” (Perine, 2007, p. 66 ss). Em uma perspectiva similar a essa, Livio Sichirollo descreve o substantivo *logos* como um resultado evolutivo da herança recebida de dois outros termos que até lhe se opõem: *iepos* e *mythos*, os quais consistem em “palavra, vocábulo, verbum” e “pensamento que se exprime, opinião, linguagem”, respectivamente. Assim, para além do valor etimológico, em que se fazem presentes as significações mais reconhecidas de racional, cálculo, número e proporção, ou seja, tudo aquilo que será destacado como seu aspecto matemático, o *logos* teria também, simultaneamente implícito, os significados de *vox* (palavra) e *ratio* (razão). A razão, enquanto a faculdade da inteligência, mas também o argumento, isto é, a explicação da qual a inteligência se serve; e a palavra, como a expressão em geral, o discurso em particular (definição aristotélica), sendo, nesse sentido, indicativa da articulação entre a forma e o conteúdo da expressão, isto é, a transição do tema à sua exposição (Sichirollo, 1973, p. 13-14).

Até aqui, ainda tentamos nos manter situados no âmago do mundo de Homero, ou no coração da história poética, para falar como Paul Ricoeur, esse extraordinário ambiente em que as efabulações originárias põem em jogo a compreensão de si mesmo que um determinado povo se dá através de suas narrativas fundadoras (Ricoeur, 1997, p. 121). É nesse contexto do poeta, ou melhor, da poesia, que acepções do *logos* usuais à época são ilustrativas do que acabamos de descrever. Lá, por exemplo, nos deparamos com Pátroclo cuidando dos ferimentos de Eurípilo “deleitando-o com palavras (*logos*)” (*Ilíada*, XV 393); e também encontramos a deusa Calipso que, visando manter cativo seu hóspede, o retém “sempre com palavras (*logos*) implorantes e suaves” (*Odisseia*, I 56). De modo que à palavra narrada se misturam elementos significantes ainda não autônomos, mas que obterão sua própria trajetória à medida que a experiência discursiva se torna mais intensa. Como observa Sichirollo, nos alvares de sua história, o *logos* evoca o cálculo e, portanto, nele se colocam os dispositivos oratórios da sofística e os ulteriores desenvolvimentos racionais (1973, p. 14). Trata-se, segundo Vernant, daquele estreito vínculo recíproco entre *logos* e política, uma vez que o exercício da linguagem é o que dirige essa arte e, ademais, será através dela que o *logos*, primordialmente, tomará consciência de si mesmo, das regras que o presidem e de sua eficácia (2023, p. 54 ss), dando ensejo, posteriormente, à filosofia e fazendo-a definitivamente filha da *polis* (2023, p. 143).

O advento da *polis* inaugura um novo capítulo nos descaminhos entrecruzados que, doravante, seguirão cada uma dessas noções. Para tanto, algo se deslocou no seio da própria tradição poética: nos inícios do império da *polis*, apesar da força da poesia épica, será a poesia lírica que ditará o ritmo. Isso ocorre porque as rápidas e profundas transformações pelas quais passa aquela sociedade exigem não apenas observância ao passado dos grandes feitos, mas também o vibrante comprometimento com as inquietudes do presente. Paulatinamente, a *areté* guerreira do herói da epopeia cede espaço ao surgimento do *ethos* heroico requerido pela cidade-estado e este, cantado em forma de elegias, destaca o *cidadão* (Barros, 2020, p. 24ss).

Em síntese: não se pode negligenciar, hoje, ao tratar das relações fronteiriças entre filosofia e literatura, que estas passaram pelas transformações ocorridas nas cercanias das cidades-estados, cujo resultado deu protagonismo à poesia lírica e, a partir desta, fez brotar a política da maneira mais familiar como a concebemos, o que, por sua vez, ensinou a filosofia. O conhecido gosto do *logos*, recém-emancipado, assumido pela harmonia, pelo equilíbrio e pela proporção, entre outros, acolhido pela *physis* dos primeiros filósofos, será o mesmo da métrica da *poiesis*. Apesar de uma animosidade característica entre essas regiões do pensamento e da ação humana, elas estão profundamente vinculadas. Portanto, a partilha que se faz entre ambas e que atualmente se celebra exuberantemente é tributária de uma indissolubilidade constitutiva, face ao que se pode entender (e indagar) como a forma mais eficaz encontrada para descrever (narrar) a realidade.

### Contemporaneidade da relação

Ao nos situarmos em um período histórico bem menos distante, encontramos, na esteira do que há pouco falamos sobre Platão, uma outra marcante tentativa de romper as fronteiras entre filosofia e literatura. Ora, por mais escandaloso que isso possa parecer às mentes acostumadas a delimitações intransponíveis, a “ciência da experiência da consciência”, como se chamaria a *Fenomenologia do Espírito* (Vaz, 2014, p. 108), não é outra coisa senão uma narrativa da história da razão no mundo, uma espécie de romance filosófico da filosofia. Nela, as múltiplas figuras do saber especulativo se defrontam no palco do enredo histórico arquitetado pelo espírito absoluto. Se o romance, como gênero literário, não gozava de boa reputação em seus inícios, entre os séculos XVII e XVIII, devido à desconfiança imposta pela Ilustração, conforme destaca Patrícia Oliveira (2024, p. 16 ss), no tempo de Hegel, fins do XVIII, esse gênero já havia conquistado prestígio suficiente, sobretudo por conta do Romantismo alemão. Como lembra Lima Vaz (2014, p. 99), essas foram as duas proeminentes correntes que dominaram aquele panorama, de tal modo que a influência desses grandes fluxos de ideias e sensibilidade se fez sentir mais profundamente na obra de Hegel. Weil também chama atenção para o fato de a literatura, nessa obra máxima de Hegel, receber um tratamento que, além de destoar daquele usualmente obtido pelos chamados filósofos clássicos, ocupa lugar decisivo.

Vem do próprio Weil uma tipificação da qual podemos nos valer para nuançar essa relação entre filosofia e literatura. Não nos referimos apenas ao que pode ser verificado nas reflexões sobre o papel do escritor na categoria da *condição* e/ou sobre as disposições da poesia fundamental na categoria do *sentido*. Apesar da estatura de tais reflexões, elas não se equiparam, em paralelo, à envergadura dos arranjos linguísticos concebidos para todo o projeto da *Lógica da Filosofia*. Como atesta Perine (2013, p. 185 e 214), os discursos filosóficos nessa obra são elaborados mediante o artifício da prosopopeia. Outro importante intérprete da obra máxima do filósofo franco-alemão, Luís Bernardo (2003, p. 11), complementa, dizendo que essa mediação analógica da prosopopeia, ao percorrer os dezoito discursos categoriais, forma, por si só, uma autossuficiência narrativa operativa do encontro do mesmo e do outro. Ao longo de todo o texto fervilham expressões atribuídas a uma certa *conduta* das categorias, de forma que uma determinada categoria sempre “toma consciência”, “se torna”, “se compreende”, “se expressa”, “se põe à prova”, “se sabe e se pretende”, “compreende tudo, exceto a si mesma”, etc. É o “lógico da filosofia”, essa espécie de narrador atemporal dos discursos, quem organiza a entrada em cena e aplica suas funções a cada uma destas personagens conceituais.

Ainda nessa mesma orientação, Evanildo Costeski (2021, p. 93-94) relembra a posição de Weil sobre a relação entre um determinado autor e seu escrito publicado, ao afirmar que aquele não passaria de mais um leitor-intérprete como qualquer outro. Assim, concebe o texto da *Lógica da Filosofia* como uma rapsódia, justamente em razão dessa constatação de irreduzível liberdade do leitor. O texto de Weil assumirá, para Costeski, a paradoxal formulação de um “sistema rapsódico”.

Desse modo, parece-nos que aquilo que Roberto Carvalho (2024) evoca, com base em Deleuze e Guattari, como sendo uma particularidade da reflexão dos proeminentes mestres do pós-estruturalismo, pode ser interpretado, na verdade, como uma constante que atravessa muitas outras filosofias consolidadas na tradição e decorrentes dessas, as quais foram capazes, em maior ou menor grau, de articular dois campos distintos, autônomos e até rivais, mas nunca impermeáveis entre si.

### **Variação do tema num subcapítulo: hermenêutica da temporalidade da ficção**

Sabemos quão fascinante tem sido o problema do tempo para os filósofos: Aristóteles, Agostinho, Kant, Hegel e Heidegger são alguns dos nomes de destaque de uma longa lista de pensadores que dedicaram importantes páginas de suas reflexões a esse tema. Paul Ricoeur é um deles e confessa que, embora tenha se debruçado sobre o tema ao abordar a questão do sentido da história, somente foi capaz de confrontar o problema do tempo ao perceber a existência de uma ligação significativa entre “função narrativa” e a experiência humana do tempo. Todo o plano de Tempo e Narrativa desenvolve essa intuição, que busca aprofundar a ideia de que a narrativa atinge seu desenlace apenas ao encontrar-se com a experiência do leitor, a qual é por ela refigurada. O tempo, nessa hipótese, torna-se o referente da narrativa, enquanto esta, por sua vez, cumpre a função de articular o tempo para que nele sobressaia a forma da própria experiência humana (1997, p. 112-113). Em síntese, a ideia diretriz dessa obra é a da existência de uma relação de condicionamento mútuo entre narratividade e temporalidade” (1997, p. 115).

A menção aos pensadores citados acima não é fortuita. Primeiro, porque é o próprio Ricoeur quem realiza a arbitragem da confrontação virtual, que, ao recusar a cronologia, “vai de Agostinho a Aristóteles” (2010a, 10-11), buscando situar precisamente a dialética entre as duas conceptualizações acerca do tempo: o tempo da alma e o tempo cósmico, respectivamente. Em seguida, pela influência do direcionamento do projeto hermenêutico de Tempo e Narrativa, que se insere na perspectiva kantiana pós-hegeliana, da qual o filósofo se declara signatário (2010c, p. 367). Por fim, segundo Dosse, por trás de todo o empreendimento dessa obra, é possível detectar uma forma de resposta ao Heidegger de Ser e Tempo (2017, p. 134). Não obstante os diversos pensadores utilizados pela hermenêutica filosófica de Ricoeur, parece que o autor de Tempo e Narrativa estabelece, em primeiro

plano, quais serão aqueles que o acompanharão, tácita ou explicitamente, por todo o itinerário da via longa que é esta obra.

No segundo volume de *Tempo e Narrativa*, onde concentramos nossos esforços reflexivos, Ricoeur coloca em ação a terceira parte de sua monumental análise acerca da experiência temporal humana. Essa etapa recebe, no plano geral da obra, como uma espécie de subtítulo, a denominação: “a configuração do tempo na narrativa de ficção”. Entrecruzando as duas formas primárias com as quais expressamos o tempo histórico – as narrativas histórica e de ficção –, ele busca demonstrar, no decurso de sua investigação, que da configuração da experiência temporal humana decorre uma resposta poética às aporias filosóficas sobre o tempo. Para Ricoeur, o problema do tempo permanece em aberto. Apesar de as teorias filosóficas que dele se ocuparam terem oferecido respostas importantes, elas também suscitaram novos problemas. Em face dessas lacunas do pensamento especulativo, a narrativa é acionada como uma solução prática, na medida em que é capaz de falar significativamente sobre o tempo sem esgotá-lo. A narrativa, então, ao situar-se em meio à trama de ação e sofrimento na história, encara o tempo como humano.

Aprende-se com Kant que o tempo é aquilo pelo qual passa a existência do mutável (CRP A 144, B 183). Isso significa que o tempo não é o que se determina, mas aquilo através do qual todas as outras coisas são determinadas. Ricoeur reafirma essa posição ao aludir ao que qualifica como a inescrutabilidade do tempo e, então, apresenta a tese central de *Tempo e Narrativa*, a saber: só há tempo humano quando apropriado por uma narrativa e, de igual modo, esta só obtém sentido ao situar-se no plano da existência temporal (2010a, p. 9, 93). Para Ricoeur, a ação narrativa é um discurso que aponta para fora de si mesmo, em direção a uma reelaboração do campo prático de quem recebe. Então, é a narrativa que, ao desenvolver o enredo do e no tempo, consegue expressar modalidades desse tempo enquanto ação, paixão e acontecimento, erigindo uma espécie de tempo de segundo nível no qual o enredo se desdobra entre um início e um fim (cf., Ricoeur, 2010a, p. 126). Nesse caso, o que temos é o tempo estruturado como uma narrativa (Ricoeur, 1997, p. 115). É dessa forma que o tempo, enquanto estrutura fundamental da experiência humana, pode ser refigurado após sua passagem pelo narrativo que o experimenta. No entanto, o tempo narrado, com o qual contamos histórias e tomamos consciência dos acontecimentos cosmológicos, não esgota a experiência temporal, que permanece, sob muitos aspectos, insondável.

O problema do tempo será então abordado a partir do que Ricoeur, inspirado na funcionalidade triádica da mimesis aristotélica (*Poética*, 1447a1-1448b4), qualifica como tríplice mimesis: a pré-figuração, que nos aproxima, de forma familiar, da ordem da ação humana; a figuração, encontrada pelo contato com o reino da ficção; e, por fim, a refiguração, como resultante da travessia da ficção desde a experimentação inicial com a ordem da ação humana (Ricoeur, 2010a, p. 4). Notadamente,

não se trata aqui de uma imitação servil, algo redutível a um simples decalque. Ao contrário, há a configuração de uma intriga criativamente reinventada e disposta a um espectador que pode nela se reconhecer (Grondin, 2015, p. 95). Em outros termos: a “mímesis funciona de forma dialética, primeiro como imitação, depois como reconstrução e, por fim, como capacidade transformadora da experiência” (Ricoeur, 1997, p. 118-119). A ideia central é a de que nossa vida constitui uma história que tanto precisa quanto merece ser contada. É nesse plano que se eleva uma hermenêutica da consciência histórica (Grondin, 2015, p. 97).

Para Ricoeur, o acesso privilegiado pelo qual a embaralhada experiência temporal humana é reconfigurada está nas intrigas inventadas. Estas, na qualidade de narrativas, “unificam, em uma ação inteira e completa, a diversidade constituída pelas circunstâncias, pelos objetivos e pelos meios, pelas iniciativas e pelas interações, pelas reviravoltas da fortuna e por todas as consequências não desejadas decorrentes da ação humana” (Ricoeur, 2010a, p. 3). Em síntese, trata-se da recepção do esquematismo que opera uma significação inteligível mediante a integração, em um todo coerente, dos acontecimentos múltiplos e dispersos (Ricoeur, 2010a, p. 2).

Como é característico do empreendimento dessa hermenêutica, nada receosa de transitar entre singularidades, Ricoeur, ao final do segundo tomo de *Tempo e Narrativa*, aventura-se em múltiplos exercícios: três “romances do tempo” de três autores diferentes, escritos, igualmente, em três línguas distintas – no inglês, *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf; no alemão, *A Montanha Mágica* de Thomas Mann; e no francês, *Em Busca do Tempo Perdido* de Marcel Proust. Nesse ápice de sua confrontação com o problema da narrativa de ficção, o filósofo busca analisar, por meio dessas literaturas, sua “concepção da colocação em intriga simultânea da história narrada e da personagem” (Ricoeur, 1997, p. 121). Ou seja, trata-se do estudo dos jogos com o tempo que visa verificar a equivalência entre a distinção do tempo da narrativa e o tempo narrado. Nesse contexto, ao ser a experiência do tempo elaborada pela ficção, seu horizonte é composto pelo mundo do texto. Essa demarcação em torno do mundo do texto é crucial, pois a referência ao problema da configuração narrativa e à refiguração do tempo pela narrativa somente ocorre quando essa circunscrição imaginária se cruza com o mundo da vida do leitor (Ricoeur, 2010b, p. 173).

Eis aqui a zona fronteira na qual se localiza a exigência de abertura própria da obra literária. Trata-se de um projetar-se para fora de si mesma, um mundo que se oferece à apropriação crítica do leitor. Não obstante o fechamento que lhe é característico, devido à configuração do mundo da obra, a literatura escapa a esse cerco ao conceber diferentes maneiras de habitar o mundo projetado diante de si. Para Ricoeur, “uma obra pode ser, ao mesmo tempo, fechada em si mesma quanto à sua estrutura e aberta para o mundo, ao modo de uma ‘janela’ que recorta a perspectiva fugidia da paisagem que se oferece” (Ricoeur, 2010b, p. 174). A recepção, pelo leitor, do mundo da obra permite-lhe abrir-se

para fora, de modo que sua leitura ocorre em uma produtiva confrontação entre o seu mundo e o da obra. Em termos paradoxais, o que temos aqui é uma transcendência imanente ao texto, dado que a experiência temporal fictícia permanece encerrada em uma obra que apenas projeta. Os exercícios hermenêuticos realizados por Ricoeur estão sustentados em uma arquitetônica presente nas três obras mencionadas. Todas elas: a) exploram a experiência temporal fictícia, recorrendo primorosamente a fábulas sobre o tempo; b) acionam modalidades inéditas de concordância discordante que se oferecem à leitura com o intuito de refigurar a temporalidade comum; c) e, por fim, levam ao limite a experiência que explora a relação do tempo com a eternidade e até mesmo a morte (Ricoeur, 2020b, p. 175).

### Conclusão

A relação entre filosofia e literatura tornou-se um tema de destaque recorrente na contemporaneidade, ao refletir sobre a relevância de compreender as fronteiras e interações entre esses campos. As motivações que têm conduzido a sociedade, cada vez mais, a esse debate ainda precisam ser melhor investigadas. No entanto, essa abordagem revela-se essencial para aprofundar a compreensão da experiência humana ao longo de sua história. O diálogo entre filosofia e literatura, desde os primórdios dessa relação, muitas vezes ocorrido ao preço de choques violentos, demonstra-se fecundo quando se trata de enriquecer nossa visão sobre o fenômeno da complexidade da condição humana.

O exame dessa relação indica, apesar de uma rivalidade constitutiva, uma admiração mútua quase nunca explícita, mas que permite à filosofia e à literatura transitar entre a linguagem e a arte, o discurso e a narração, o pensamento e a vida. Como sabemos, as raízes dessa interação escorregam de Platão à Homero, isto é, remontam à conexão ancestral entre o *logos* e o mito. O que parecia ser uma relação pacífica no mundo da poesia tornou-se uma convivência tumultuada com o advento da filosofia. Porém, antes de qualquer lamento, é necessário afirmar que esse novo momento, que segue em frente sem deixar de olhar para trás, é igualmente enriquecedor, pois demonstra que a imaginação humana é inesgotável nos significados que consegue gerar, impregnada no discurso demonstrativo e para além dele – tal como ocorre nas filosofias de Hegel e Weil. Assim, a interdependência entre os campos da filosofia e da literatura faz-se presente tanto em relação a um legado histórico comum quanto em uma vinculação que amplia nossa visão de mundo da forma como buscamos evidência através da hermenêutica de Paul Ricoeur.

Portanto, é digno de nota que a conflituosa colaboração e/ou amistosa rivalidade entre filosofia e literatura encontram, justamente nessa tensão, sua força criativa mais potente. A exigência pelo primor conceitual e rigor sistemático da filosofia, assim como a liberdade expressiva e imaginativa

da literatura, convergem ao explorar questões existenciais e significativas da pessoa humana. Reside nessa cumplicidade todo o potencial transformador dessas dimensões do saber. E por mais fértil que seja esse campo do ponto de vista da investigação acadêmica, a relação entre filosofia e literatura vai além, deslocando-se para os confins inexplorados em que se busca reimaginar continuamente a totalidade da experiência humana. Eis por que essa interação se revela sempre como um convite para expandir os limites do pensamento e da linguagem, na intenção mais profunda e poderosa de compreender a complexidade de ser humano em um mundo em constante mudança.

## Referências

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini, São Paulo: Edipro, 2011.
- BARROS, Gilda Naécia Maciel de. **Sólon de Atenas**: a cidade antiga. 2 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 2020.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Vol. 1**: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.
- COSTESKI, Evanildo. Sentido e verdade em Eric Weil: a instauração da *Lógica da filosofia*. In: PERINE, Marcelo *et al* (Orgs). **Filosofia e realidade em Eric Weil**. São Paulo: EDUC, 2022, p. 77-96.
- DOSSE, François. **Paul Ricoeur**: um filósofo em seu século. Tradução Eduardo Lessa Peixoto de Azevedo. Rio de Janeiro: FVG Editora, 2017.
- FAÇANHA, Luciano da Silva. **Filosofia e literatura**: da antiguidade clássica à modernidade da ilustração. Seguido de 13 ensaios sobre filosofia e literatura. São Luís: EDUFMA, 2024.
- GRODIN, Jean. **Paul Ricoeur**. Tradução Sybil Safdie Douek. São Paulo: Loyola, 2015.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.
- OLIVEIRA, Priscila. Ficção e verdade, romance e filosofia. In: GALHARDO, Davi *et al*. **Fronteiras entre filosofia e literatura**. São Paulo: Dialética Literária, 2024, pp. 15-54.
- PLATÃO. **A República**. Tradução Ana Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PERINE, Marcelo. **Ensaio de iniciação ao filosofar**. São Paulo: Loyola, 2007.

- REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**, v. 5. Léxico, índices, bibliografia. Tradução Marcelo Perine e Henrique Cláudio de Lima Vaz. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa, 2**: a configuração do tempo na narrativa de ficção. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- RICOEUR, Paul. **A crítica e a convicção**. Tradução António Hall. Lisboa: Edições 70, 1997.
- RICOEUR, Paul. Autobiografia intelectual. In: \_\_\_\_\_ **Da metafísica à moral**. Tradução Sílvia Menezes e António Moreira Texeira. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- ROBERTO, Carvalho. Considerações sobre a noção de personagem em filosofia e literatura. In: GALHARDO, Davi *et al.* **Fronteiras entre filosofia e literatura**. São Paulo: Dialética Literária, 2024, pp. 55-96.
- SICHIROLLO, Livio. **Dialética**. Tradução Lemos de Azevedo. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- VALDÉRIO, Francisco. Sentido e violência. In: BORRALHO, Henrique (Org.). **Literatura, filosofia, história e outras linguagens**. São Luís: EDUEMA; Café & Lápis, 2016, pp. 53-76.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **A formação do pensamento de Hegel**. São Paulo: Loyola, 2014.
- WEIL, Eric. **Hegel e nós**. Organização de Francisco Valdério [et al.]. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2019.
- WEIL, Eric. **Lógica da filosofia**. Tradução Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2012.

Recebido em: 20/11/2024

Aprovado em: 28/02/2025